

## FORMAS VERBAIS E INDETERMINAÇÃO: O AGENTE DISSIMULADO NOS SÉCULOS XIX E XX<sup>1</sup>

Maria da Conceição Hélio Silva (UFBA/PPGLL/PROHPOR /UNEB/ PPG /DCH III<sup>2</sup>)

### INTRODUÇÃO

Diversos estudos têm apresentado evidências históricas de que mudanças sintáticas importantes podem ser detectadas no português brasileiro (PB) do final do século XIX, que estabeleceram uma nova gramática distinta daquela do português europeu, o que é confirmado por Tarallo (1996:70).

Também os estudos lingüísticos posteriores ao século XIX indicam que muitas mudanças que se implementaram na fala estariam sendo registradas na escrita, incluindo-se, aí, a ampliação das formas de indeterminação do agente, no português do Brasil.

No presente trabalho, são focalizadas formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação do agente, como *estrutura passiva sem agente expresse*, *forma verbal com e sem se*, *forma verbal do infinitivo com e sem se*, *forma verbal do gerúndio com e sem se* e *forma verbal terceira do plural sem agente expresse*, dados obtidos em atas e cartas da Bahia, dos séculos XIX e XX, num total de 920 ocorrências, com o objetivo de revelar a presença de outras formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação, além das formas verbais previstas nas GTs daqueles séculos.

Busca-se, ainda, perceber a continuidade semântica e sintática dessas formas no PB do século XX, analisando a relação do *gênero do texto* e do *período de tempo* com o uso dessas formas verbais, além de analisar o *grau de indeterminação do agente* que se estabelece com o uso dessas formas.

As análises foram realizadas à luz dos pressupostos do Funcionalismo lingüístico, na perspectiva da gramaticalização, que concebe a língua como um sistema maleável, sujeito a pressões do uso, com funções cognitivas e sociais que determinam a composição da gramática de uma língua natural. Essas estruturas representam continuadas gramaticalizações, de acordo com as necessidades sociais de expressão e de interação (cf. HOPPER, 1991; HEINE *et alii*, 1991; TRAUGOTT e HEINE, 1991; e HOPPER e TRAUGOTT, 1993; MOURA NEVES 1997, 2000; Castilho, 1977 e outros).

Nesse sentido, verifica-se se essas formas verbais com essa finalidade passaram ou estariam passando por processos de gramaticalização, a exemplo do que já ocorreu com a *reanálise* do *se* *apassivador* a *se* *indeterminador*, atentando ainda para outras características da gramaticalização como a *estratificação*, a *especialização* e a *decategorização*. Explicações históricas foram buscadas nos estudos de Mattos e Silva (2006, 2004, 1995) dentre outros autores, e em gramáticas tradicionais, como a de Ribeiro (1889[1914]).

Dentre os vários estudos sobre o tema indeterminação no PB, Lopes *et al* (2003), por exemplo — que estudaram as estratégias de indeterminação em anúncios cariocas dos séculos XIX e XX — detectaram que oito diferentes recursos para indeterminar o sujeito foram utilizados no século XIX, tanto para quem anuncia como para o leitor, e dentre esses, o *se* e *formas verbais nas primeiras, segundas e terceiras pessoas do plural e formas verbais no infinitivo*.

Vale ressaltar as vantagens de um estudo sócio-histórico, com base em textos diferenciados, que tentam evidenciar os percursos da mudança ao longo do tempo, caso existam, e também a explicitação de fatos histórico-diacrônicos, além da possibilidade de constatação do princípio de que as mesmas forças que atuaram no passado atuam no presente (princípio do

<sup>1</sup> Título da Tese de Doutorado em andamento no PROHPOR/UFBA, sob a orientação da Profa Dra Rosa Virgínia Mattos e Silva

<sup>2</sup> Departamento Acadêmico

uniformitarismo). Daí porque combinamos a gramaticalização com os princípios da lingüística histórica, uma vez que, ao lado dos fenômenos que mudam com o tempo, existem aqueles que se conservam ao longo da trajetória das línguas, como tentamos demonstrar neste trabalho.

## 1 INDETERMINAÇÃO, SUJEITO, AGENTE, VOZ PASSIVA

Sabemos que a maioria das gramáticas normativas (GNs) considera, no máximo, três possibilidades de indeterminar o “sujeito” /agente empregando formas verbais: a) verbo na terceira pessoa do plural; b) verbo na terceira pessoa do singular com o “pronome *se*”, com verbos transitivos indiretos e intransitivos e verbos transitivos tomados intransitivamente.

Entre os gramáticos consultados, Bechara (1977), ademais das possibilidades acima, é o único a se referir a mais uma possibilidade: verbo na terceira pessoa do singular, sem referência a pessoa determinada. (“Diz que eles vão bem”.) (id.:200)

Alguns fatores parecem estar impedindo que as GNs considerem outras formas verbais que podem co-ocorrer com a indeterminação: a concepção de sujeito e agente, que são tomados como iguais, e a defesa da existência de uma voz passiva sintética no PB (Alugam-se casas/Aluga-se casas). Além disso, a noção de transitividade também parece ser um entrave para que sejam incluídas nas GNs outras formas verbais com a mesma possibilidade de interpretação, ou seja, com o sentido indeterminador, uma vez que concebem a transitividade como uma característica inerente e específica do verbo e não da oração como um todo.

Inicialmente, é necessário fazer breves esclarecimentos a respeito das concepções adotadas neste estudo e que diferem do ponto de vista das GNs, com o fim de justificar o que se entende aqui por indeterminação, sujeito, agente, voz passiva.

### 1.1 Indeterminação

Toma-se a indeterminação como um conceito semântico que se realiza quando não é possível identificar o agente por um *SN [+ humano]*; que ocorre com verbos de ação e de ação processo; quando as formas utilizadas expressam *generalização e abrangência*, atingindo qualquer pessoa do discurso, ou as três, relacionada a fatores *semânticos e pragmáticos*, dependendo do *contexto* para sua interpretação, na maioria dos casos. Como um processo relacionado com a *intencionalidade* do enunciador, embora esta não seja uma condição determinante, a indeterminação manifesta-se quando ou não se tem permissão para explicitar o agente ou não se quer precisar a idéia ou identificar o referente, considerando que nem sempre se desconhece quem fala, ou escreve, o que expressa um certo *descomprometimento* com o que é dito.

Na perspectiva da análise do discurso, trata-se de uma indeterminação referencial, produzida sob certas condições, excluindo-se os atores sociais do processo enunciativo para atender a interesses e propósitos do enunciador, podendo estar expressa por um a palavra ou construção sintática.

Os exemplos abaixo encontrados nos *corpora* ilustram essas afirmações:

- (1) É um lugar divino onde só *se ouve* pássaros cantando “(Carta séc. XX);
- (2) “Em seguida, *passou-se a deliberar* sobre a aparição do Periódico” (Ata séc. XIX);
- (3)... por incrível que pareça, *constatou-se* calo nas cordas vocais “(Carta séc. XX);
- (4) “A necessidade de *estabelecer-se* algum critério de cessão (...)” (Carta séc. XX).
- (5) “E *determinando-se* a entrega de uma cópia destas Instruções (...)” (Ata séc. XIX);
- (6) “A professora não *foi indicada*, *aguardando* apenas que a professora *seja aprovada*” (Ata séc. XX);
- (7) “*Dada* a palavra ao Acad. Guilherme de Andrade para fazer o 4º de hora Literária, este citou fatos da vida dos poetas” (Ata séc. XX);
- (8)... se assim for da sua vontade, o que não é de *extranhar*.” (Carta séc. XIX).

### 1.2 Sujeito e agente

Em relação ao conceito de agente é diferente do de sujeito, uma vez que nem sempre o sujeito sintático coincide com o agente semântico. Muitas vezes, o sujeito está presente na frase, mas o agente é indeterminado, como em (6).

A transitividade verbal tem uma relação estreita com conceito de agentividade, uma vez que numa perspectiva funcionalista, caracteriza como as relações entre o verbo e seus argumentos e se manifesta na totalidade da oração.

### 1.3 Sobre a Passiva pronominal na indeterminação

Quanto à voz passiva, a GN considera as formas verbais do tipo verbo na terceira pessoa do singular acompanhadas do clítico *se* ora como partícula apassivadora ora como índice de indeterminação do sujeito. Entretanto, estão sendo consideradas aqui como uma só função, ou seja, como uma construção ativa, com agente indeterminado, como em (3), não equivalendo à construção passiva de *ser* mais particípio, como se verifica em (6) ou formada apenas do particípio como em (7). A passividade, portanto, se constrói apenas através da forma analítica, ou seja, pela construção verbo *ser* mais o particípio do verbo.

A esse respeito, Oliveira (2005), com base em estudos sobre o português arcaico e do século XX, também nega a existência de uma passiva de *se* no século XX.

### 1.4 A visão da linguística sobre essas questões

Scherre (2005:80) e outros, confirmam a interpretação da construção com *se* “como uma estrutura ativa de agente indeterminado”. Hélio Silva (2006) concorda que, numa perspectiva semântica, não há voz passiva sintética no PB, como ocorreu no latim e, além disso, essas formas não transmitem passividade. Talvez em tempos pretéritos da língua fosse possível considerar a existência de uma passiva sintética, mas não nos séculos XIX e XX, pelo menos é o que constata os estudos históricos da língua portuguesa.

Naro (1976) tratou do *se* passivo com ou sem agente exposto, constatando com Nunes (1990) a *reanálise sintática* desse clítico no português antigo. O seu uso constante passou a diversificar-se em passividade e, posteriormente, assumiu o papel de sujeito, em índice de indeterminação.

Diz o autor que, desaparecendo o agente da passiva em construções com *se*, o estatuto sintático do *se* se modificou, passando, a partir de então, a ser interpretado como sujeito indeterminado.

De acordo com estudos realizados por Nunes (1990), o *se* impessoal nesse processo de *reanálise sintática*, passou de *se* passivo a indeterminador. Quanto ao uso de *se* junto às formas verbais não- finitas, Nunes (1990) acha que não deve ter surgido antes do século XIX, período em que as construções com *se* indeterminador eram majoritárias no PB e quando há um salto na ausência de concordância nas infinitivas, passando as passivas pronominais a serem mais empregadas, e as infinitivas ultrapassam as finitas na preferência pelo *se* indeterminador.

Esse processo pelo qual o *se* vem passando parece configurar uma perda semântica, possivelmente em decorrência da *reanálise sintática*. A *reanálise* das passivas pronominais em indeterminação é possível, segundo o autor, pela não diferença na interpretação nessas construções da referência indeterminada do agente.

A respeito do apagamento do *se* nessas construções, Bittencourt (2008) estudou os fatores condicionantes do apagamento de clíticos de forma reflexiva e constatou que quanto mais abrangente a referência, mais favorece o apagamento do clítico, condicionado pelo contexto discursivo, principalmente quando retoma um agente indeterminado.

Bittencourt acrescenta que a não concordância em construções com *se* levou ao seu apagamento quando indeterminador e ao favorecimento de estratégias de esquiva. A perda de traços ou propriedades sintáticas e semânticas, como pessoa e número, e mudança progressiva de referência dos clíticos motivaram o apagamento, o que pode ser caracterizado como um estágio de processo de gramaticalização.

A variação no uso dessa forma, que ora aparece acompanhada com *se* ora aparece sem *se*, pode indicar perda de função, em decorrência do seu apagamento constante nos textos, o que favorece o uso de outras construções verbais com a finalidade de co-ocorrer com a indeterminação, com ou sem a presença do *se*.

Segundo Milanez (1982), a construção com *se* bloqueia qualquer possibilidade de interpretação co-referencial do sujeito, sendo a única forma que não necessita do contexto para a sua interpretação. Também Moura Neves (2000) considera essa construção a “maximamente indeterminadora”, o que também foi confirmado por esta pesquisa, embora o *se* continue sendo apagado nessas construções verbais, o que favorece, ainda mais, o uso de outras formas verbais.

## 2. ANÁLISE DE FORMAS VERBAIS QUE CO-OCORREM COM A INDETERMINAÇÃO DO AGENTE EM CARTAS E ATAS DA BAHIA DOS SÉCULOS XIX E XX

A sistematização dos resultados gerais está na tabela 1, sendo que foram consideradas relevantes todas as ocorrências, não importando o percentual. Essas formas pressupõem um agente genérico e algumas delas ocorrem em contextos do apagamento do *se*.

**Tabela 1. Frequência dos dados nos *corpora***

Tipo de forma verbal	Frequência dos dados	
	Nº de ocorrências	Frequência
estrutura passiva sem agente	462/920	50,21%
forma verbal 3ª do singular com SE	250/920	27,17%
forma verbal 3ª do singular sem SE	8/920	0,87 %
forma verbal do infinitivo com SE	148/20	16,10%
forma verbal do infinitivo sem SE	4/920	0,43%
forma verbal do gerúndio com SE	30/920	3,26%
forma verbal do gerúndio sem SE	12/920	1,31%
terceira do plural sem agente expreso	6/920	0,65%
TOTAL	920/920	100%

Obs.: Não houve ocorrências de verbo na terceira pessoa do plural com concordância nos *corpora*

Conforme se pode perceber, o levantamento dessas formas verbais nos *corpora* da pesquisa confirmaram a presença de outras formas verbais em textos escritos, além das formas consideradas pelas GNs.

### 2.1 Período de tempo

Os séculos XIX e XX foram escolhidos em função de que essas épocas refletem momentos históricos importantes da história do Brasil, principalmente porque, segundo Pagotto (1994), foi ao longo do século XIX que se deu a constituição de uma norma culta no Brasil influenciada pelo contexto sócio-histórico da época.

O contexto histórico do Brasil colônia favoreceu a construção de uma norma culta, mas pautada na lusitanização da gramática do português brasileiro, como o uso de formas verbais com *se*, forma preferida pelo PE, conforme apontam os resultados dos estudos sobre essa variedade do português, tão presente nos textos do século XIX, inclusive nos do século XX, confirmando a continuidade semântica e sintática desses usos no PB.

Assim, foram tomadas essas duas sincronias – séculos XIX e XX, para, partindo do passado para o presente, interpretar o presente, ou seja, século XX.

Tabela 2-Período de tempo

Tipo de forma verbal	Período de tempo			
	SÉC. XIX		SÉC. XX	
	nº/T	Freq.	nº/T	Freq.
estrutura passiva sem agente expresso	206/920	22,39%	256/920	27,83%
3ª do singular com SE	132/920	14,35%	118/920	12,83%
3ª do singular sem SE	6/920	0,65%	2/920	0,22%
forma do infinitivo com SE	71/920	7,71%	77/920	8,37%
forma do infinitivo sem SE	3/920	0,33%	1/920	0,10%
forma do gerúndio com SE	27/920	2,93%	3/920	0,34%
forma do gerúndio com SE	7/920	0,76%	5/920	0,54%
terceira do plural sem agente expresso	6/920	0,65%	0/920	0,00%
TOTAL	458/920	49,77%	462/920	51,13%

Tomando como ponto de partida os resultados da tabela 1 e comparando-se com a 2, Período de tempo, percebe-se o decréscimo do uso de formas verbais do tipo *3ª do singular com se* no século XX, a predominância do uso de voz passiva de *ser*, inclusive a presença de construções de verbos na *3ª do singular sem se* indeterminador, assim como a ausência de *se* nas formas no infinitivo e no gerúndio.

a) A *estrutura passiva*, aumentou a sua frequência, de 22,39 % no século XIX para 27,83% no século XX;

b) A *forma 3ª do singular com se*, embora continue expressiva no século XX, diminuiu de 14,35% para 12,83% de ocorrências, em um total de 920 ocorrências de todas as formas verbais dos *corpora*, o mesmo acontecendo com a *forma 3ª do singular sem SE*, confirmando o decréscimo no uso dessas formas no século XX;

c) O *infinitivo com se* apresentou setenta e sete ocorrências no século XX, ou seja, 8,37%, portanto, significando uma pequena elevação. Já o *infinitivo sem se* apresentou um decréscimo acentuado;

d) A *forma gerúndio com se* teve um acentuado decréscimo no século XX, apesar dessa forma com *se* também apresentar um pequeno decréscimo;

e) A *forma verbal 3ª do plural sem agente expresso* caracterizou-se como uma exceção, considerando que só ocorreu no século XIX. Esta foi a forma que teve menos frequência nos dados, ficando restrita a cartas desse século. Quando empregada com o sentido generalizador, co-ocorre com a indeterminação, entretanto, por ser uma forma marcada, exclusiva da 3ª pessoa, não é tão abrangente como outras formas verbais e suscita dúvidas para a sua inclusão no rol das formas que co-ocorrem com a indeterminação. Por ser uma forma mais afeita à oralidade é possível que o uso dessas formas em cartas do século XIX signifique influência da oralidade na escrita.

É possível perceber, também, que essas formas, estejam ou não acompanhadas do clítico *se*, podem ser interpretadas com o sentido indeterminador do agente. Além disso, a *forma 3ª do singular com se* não foi a que mais ocorreu nos textos, em contextos onde essa construção era esperada. Também é possível perceber que essas formas passaram do século XIX ao século XX, permanecendo com as mesmas características, ou seja, co-ocorrendo com a indeterminação do agente, confirmando a hipótese de estabilidade sintática e semântica dessas construções, quando usadas com interpretação indeterminada.

Os exemplos abaixo ilustram o uso de algumas dessas formas verbais nos dois períodos históricos do PB:

(9) “*Matarão a porrete o Joaquim Dionilho*” (Carta séc.XIX)

(10) “*Dada a palavra ao Acad. Guilherme de Andrade...*(Ata séc. XIX)

(11) *foi o dito Sr Deputado julgado na posse...*”(Ata séc. XIX)

(12) “*Lida e aprovada a ata da sessão anterior...*(Ata séc. XIX)

- (13) "... e findo o trabalho *tra toçe* de *se fazer a comição*" (Ata séc. XIX)  
 (14) "...já que este é o momento de *planejar* o semestre." (Ata séc. XX)  
 (15) "...*foi escolhido* o acadêmico Heitor" Fróis.(Ata séc. XX)  
 (16) "...até *se verificar* todos os métodos de governo" (Ata séc. XX)  
 (17) "Até que *se possa reconstituir-se* o Álbum do Centenário" (Carta séc. XX)

## 2.2 Gênero do texto

Os gêneros cartas e atas foram escolhidos na perspectiva de que, por serem gêneros diferentes, o que atende aos interesses deste estudo, poderiam, assim, favorecer a captura das formas verbais mais selecionadas por cada gênero, possibilitando uma comparação entre os dados desses gêneros e o uso das formas verbais em estudo. Os gêneros textuais refletem características sociolingüísticas históricas, possibilitando a verificação de uma das hipóteses deste estudo- a continuidade sintática e semântica dessas formas no século XX, conforme se visualiza na tabela 3.

**Tabela -3 Gênero do texto**

Tipo de forma verbal	Gênero do texto			
	ATA		CARTA	
	nº/T	freq.	nº/T	freq.
estrutura passiva sem agente expreso	396/920	43,04%	66/920	7,17%
3ª do singular com SE	164/920	17,83%	86/920	9,35%
3ª do singular sem SE	5/920	0,54%	3/920	0,33%
forma do infinitivo com SE	109/920	11,85%	39/920	4,24%
forma do infinitivo sem SE	1/920	0,10%	3/920	0,33%
forma do gerúndio com SE	23/920	2,50%	7/920	0,76%
forma do gerúndio sem SE	3/920	0,33%	9/920	0,98%
terceira do plural sem agente expreso	0/920	0,00%	6/920	0,65%
TOTAL	701/920	76,19%	219/920	23,81%

O comportamento dessas formas em cartas e atas foi influenciado por esses gêneros, considerando a estrutura formulaica das atas e cartas comerciais e a maior flexibilidade da linguagem com um uso mais informal, nas cartas familiares, donde se concluiu o seguinte:

a) A *estrutura passiva sem agente expreso* é mais freqüente em atas (43,04%) do que a *forma 3ª do singular com se* (17,83%) no mesmo gênero. A estrutura narrativa e o uso do tempo verbal resultativo nesses textos pode ter acarretado a preferência dessas formas mais em atas do que em cartas;

b) Em contrapartida, a *forma 3ª do singular com se* (9,35%) é a estrutura mais empregada em cartas do que a *estrutura passiva* (7,17%), provavelmente, por ser um gênero onde o texto tem maior fluência;

c) Com exceção da *forma verbal 3ª do plural sem agente expreso*, as outras formas verbais ocorreram nos dois gêneros, com maior freqüência em atas, com exceção do *infinitivo sem se* e do *gerúndio sem se*, que apresentaram maior uso em cartas, naquelas com menor grau de formalidade no discurso. A *terceira do plural* somente ocorreu em cartas, naquelas em que o discurso era menos formal;

d) Mais uma vez, a *forma do infinitivo com se* (11,85%) segue bem de perto a *forma 3ª do singular com se* (17,83%), desta vez, no uso em atas, embora ambos ocorram também em cartas.

e) O gênero do texto revelou que a *estrutura passiva* é a mais empregada em atas e a *forma 3ª do singular com se* é a mais empregada em cartas, principalmente nas comerciais, embora tenha obtido um percentual maior de ocorrências em atas. Abaixo, alguns exemplos de acordo com o gênero textual:

- (18) "...*sahirão eleitos* os Irmãos seguintes...(Ata séc. XIX  
 (19) "...providência que urge *ser dada* quanto antes (Ata séc. XIX)  
 (20) "...Sem a Constituinte e esta festa regularmente, nada *se deve esperar*.(Carta Séc.. XIX)  
 (21) "O título de Vossa Senhoria *encontra-se* suspenso (Carta séc. XX)  
 (22) "...sendo necessário *fazer* de todo uma fábrica nova (Carta séc. XIX)  
 (23) "*Leuça* o requerimento do Nosso Irmão *vendo* o que nelle disse" (Ata séc. XIX)  
 (24) "*Disserão-me* hoje que... (Carta séc. XIX)  
 quando acompanhando a forma verbal finita.  
 (25) "...a noite *pode comer* 2 ou 4 grãos conforme a idade" (Carta séc. XIX)  
 (26) "...Para *resolver* tal situação, sugeriu-se várias alternativas:...(Ata séc. XX)  
 (27) "*Pensando* que tudo continuaria como deve ser, embora não *fazendo* com que se cumprisse" (Carta séc. XX)

Dessa forma, os dados encontrados nos textos confirmam a hipótese geral deste estudo de que existem outras formas verbais, além das formas previstas nas GTs, que co-ocorrem com a indeterminação do agente, fato que já se registrava no século XIX e que passou ao século XX, a continuidade semântica e sintática de formas verbais quando co-ocorrem com a indeterminação do agente.

### 2.3. Graus de indeterminação

Cunha (1993) argumenta que a oposição determinação/indeterminação não se dá de forma abrupta, mas em graus. Buscou-se verificar essa afirmação com formas verbais co-ocorrendo com a indeterminação do agente e para isso construiu-se a seguinte matriz, considerando as concepções de agente e indeterminação aqui adotadas:

[agente +humano, + - especificação do agente, + -generalização, + -indeterminação]

De natureza gradativa, contínua, abrangente às três pessoas do discurso, a indeterminação manifesta-se em graus, com agente [+ humano], sendo que quanto menos especificação do agente e quanto maior a generalização e abrangência, maior será o grau de indeterminação que pode ser interpretado.

Embora não sejam muito nítidas essas fronteiras entre os graus, considerando que a maioria das formas verbais depende do contexto para sua interpretação, a partir da matriz proposta, estabeleceu-se três graus de indeterminação:

Grau tipo A → [+humano, -especificação do agente, +generalização, +indeterminação] (agente não-recuperável no contexto; quando não existem elementos no contexto que permitam a sua recuperação; quando não apresenta referência específica a nenhuma das três pessoas do discurso, caracterizando-se pela generalização; quando se percebe no contexto que a indeterminação não é intencional).

Ocorre com as formas verbais *terceira do singular com se*, *gerúndio com se*, *Terceira do plural com se* não ocorreu nos corpora):

- (28) "*Concedendo-se* um prazo de 30 dias aos usuários ocupantes (...)" (Ata séc. XX);  
 (29) "...e findo o trabalho *tratoçe* de *se fazer* a comição" (Ata séc. XIX)  
 (30) "...Diante da resposta (...) o Coordenador encaminhou à Direção (...) para que *se discuta* a resposta na plenária "(Ata séc. XX)  
 (31) "...até *se verificar* todos os métodos de governo para todas as Províncias (Ata séc. XIX)  
 (32) "*Leuça* o requerimento do nosso Irmão *vendo* o que nelle disse "(Ata séc. XIX)

Grau tipo B → [+ humano, + - especificação do agente, + - generalização, + - indeterminação] (agente não-recuperável totalmente, mas o contexto pode possibilitar sua identificação; quando se pode interpretar que a intenção foi o *descomprometimento* da 1ª pessoa. E embora se perceba certa abrangência e generalização, é possível perceber a presença de um agente, o que suscita dúvidas quanto à intencionalidade do enunciador (*desconhecimento* ou *descomprometimento*? Ocorre mais com as formas verbais *infinitivo sem se*, *estrutura passiva sem agente expreso*):

- (33) “*Recuar* diante do erro é muito mais insignificante do que nele *permanecer*, apenas para *se cumprir* uma palavra” (Carta séc. XX)
- (34)(...) *foram lidos* diversos ofícios” (Ata séc. XIX)
- (35) “*Foi empossada* a seguinte Diretoria deste Clube...” (Ata séc. XX)
- (36) “*Iniciados* os trabalhos...” (Ata séc. XX)
- (37) “A lavoura de que *vivo*, não *se pode colher* repentinamente” (Carta séc. XX)
- (38) “*Não foi feito* o registro das justificativas” (Ata séc. XX)

Grau tipo C → [+humano, + especificação do agente, + -generalização, - indeterminação] (sujeito mais facilmente recuperável e mais dependente do contexto. Ocorre com a *terceira do plural sem se*, *terceira do singular sem se*):

- (39) “*Matarão* a porrete o Joaquim Dionilho” (Carta séc. XIX)
- (40) “Por cá *tem aproveitado* muito o eucalipto feito chá” (Carta século XIX);
- (42) “*Falam* em empréstimo, atualmente, para substituir o termo doação” (Carta séc. XX)

### 3. FORMAS VERBAIS, INDETERMINAÇÃO: GRAMATICALIZAÇÃO?

A partir da análise dos dados , foi possível depreender o seguinte: há uma certa movimentação entre essas formas verbais, no sentido de ocuparem o espaço que vem sendo deixado pelo *apagamento* crescente da forma verbal 3ª do singular com *se*, que ocupou uma posição expressiva nessa função, no século XIX. Provavelmente, as conseqüências da *reanálise* e do desgaste pelo uso excessivo dessa forma tenham acarretado perdas semânticas e mudança de função, levando-a ao *apagamento*.

Podemos assinalar outros aspectos desse tema, já observados, que podem sinalizar indícios de gramaticalização. As formas verbais *estrutura passiva sem agente expreso*, *forma verbal terceira pessoa do singular com se e sem se*, *forma verbal do infinitivo com se e sem se*, *forma verbal do gerúndio com se e sem se* e *forma verbal na terceira pessoa do plural sem agente expreso* co-existem com as *formas verbais com se*, principalmente, com a *terceira do singular com se*, ocupando contextos de uso desta, em decorrência do seu *apagamento*.

Essa coexistência das demais construções verbais com as construções com *se* com função similar, pode se configurar um processo de gramaticalização, considerando os princípios da *estratificação* (coexistência de formas novas e velhas, dentro de um domínio funcional, com função similar, considerando-se a variação que caracteriza essa forma), da *especialização* (uma variedade de formas com diferentes nuances semânticas). Assim, o apagamento do *se* que acompanha a forma verbal na terceira pessoa do singular e outras, acarreta a obrigatoriedade de uso de outras formas para ocupar a função semântica da indeterminação. Pode-se, ainda, se fazer referência a outro princípio, o da *descategorização* (princípio básico de desenvolvimento de novos usos mais abstratos, gerando a perda de princípios sintáticos típicos de categorias plenas, como nome e verbo, passando a assumir atributos de categorias secundárias, a redução do estatuto categorial de itens gramaticalizados, que perdem ou neutralizam marcas morfológicas e categorias sintáticas características das categorias plenas nome e verbo e assumem características secundárias. princípios esses propostos por Hopper (1991).

As formas aqui não são novas, mas os usos, poderiam ser considerados novos, haja vista a *reanálise* do *se* passivo em indeterminador, o que remete a outra característica da



gramaticalização: o uso de velhas formas para novos usos, o que caracteriza um desvio funcional, uma decategorização da categoria prototípica- verbo/sentido.

O desvio conceptual, a decategorização de categorias prototípicas, a erosão e o enfraquecimento formal lembram o princípio da unidirecionalidade, característica básica do processo de gramaticalização.

E se a gramaticalização é um processo de criação da gramática, através das necessidades discursivas do indivíduo, que desencadeiam processos de mudanças na língua, então as formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação do agente podem estar sinalizando indícios de um processo de gramaticalização.

#### 6.Considerações finais

Em síntese, são as seguintes as conclusões deste estudo a respeito das formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação:

a) os resultados dão conta de que seis outras formas verbais co-ocorrem com a indeterminação do agente, acompanhadas ou não do clítico *se*, além das duas formas previstas nas GTs, em textos escritos dos séculos XIX, formas essas que continuam no século XX, na Bahia, mantendo as mesmas características sintático-semânticas;

b) foi possível perceber que as conseqüências da *reanálise* do *se*, de passivo para indeterminador, provocando uma perda semântica, foi um processo que, embora concluído, continua causando os seus efeitos ainda no século XX, considerando o *apagamento* acelerado desse clítico em contextos de indeterminação do agente, coexistindo com outras possibilidades de formas verbais para a mesma finalidade, que ocupam, inclusive os espaços decorrentes desse apagamento;

c) as formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação do agente apresentam os traços [+ humano], [+ - abrangente/genérico], [+ - contexto] para sua interpretação e três graus de indeterminação: A, B e C, dependendo da amplitude da generalização, do contexto e da intencionalidade do enunciador;

d) a construção *estrutura passiva* é a mais empregada para indeterminar o agente nos dois séculos, se mantendo mais no gênero ata, seguida pela forma verbal finita com *se*;

e) algumas formas como *forma verbal na 3ª pessoa do singular sem se*, *infinitivo sem SE*, *gerúndio sem se* e *terceira do plural sem agente expreso* não apresentaram uma grande freqüência nos dados, mas linguisticamente e historicamente revelaram ser formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação do agente, em textos escritos do português do Brasil, presentes no século XIX, no século XX;

f) o gênero do texto evidenciou a gramática da escrita de cartas e atas do século XIX, em relação ao uso dessas formas verbais, e o conservadorismo da escrita padrão do século XX, do português brasileiro;

Os resultados desses estudos a respeito das formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação do agente poderão, junto com outros, possibilitar um conhecimento mais amplo dessas formas no PB, além da consideração, por parte das GNs, de outras formas verbais que co-ocorrem com a indeterminação do agente, do agente dissimulado através de formas verbais.

#### REFERENCIA

- BITTENCOURT, R. L. C.L(2008).*No rastro do apagamento:pronomes clíticos na funções recíproca, reflexiva, apassivadora e indeterminadora*.UFBA (Dissertação de mestrado)
- BECHARA,E.(1977). *Moderna gramática portuguesa*. São Paulo:Nacional
- CASTILHO,A.T.de (1977) A gramaticalização. *Estudos linguísticos e literários*, n.19. Salvador:UFBA
- HEINE, B. (1991b) *Grammaticalization. A Conceptual Framework*. Chicago: University of Chicago Press.
- HÉLIO SILVA, M. da C.(2006) *O se passivo e o se indeterminador:um exercício para uma posterior análise semântica*. Salvador:UFBA(Digitado)
- HOPPER, P. J. (1991) On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E; HINE, B. (eds). *Approaches to Grammaticalization*, v.1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamin's Publish Company.p.17-35

- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. (1993). *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press.
- LOPES, C.R. dos S. (2003). *Análise de variedades do português: a introdução de novas formas pronominais na imprensa- séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro:UERJ.
- MATTOS E SILVA, R. V.(2006). *O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe*. São Paulo:Contexto
- MATTOS E SILVA, R. V.(2004) *O português são dois...Novas fronteiras, velhos problemas*. São Paulo:Parábola.
- MATTOS E SILVA, R.V.M. (1995) A sócio-história do Brasil e a heterogeneidade do português brasileiro: algumas reflexões. *Boletim ABRALIN*, 17:73-86.
- MILANEZ, V.(1982) *Recursos de indeterminação do sujeito*. Dissertação de Mestrado em Linguística. Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- MOURA NEVES, M. H. M (1997) *A Gramática Funcional*. São Paulo: Martins Fontes
- MOURA NEVES, M.H. de.(2000) *Gramática de usos do português*. São Paulo:UNESP
- NARO, A. J. (1976) The genesis of the reflexive impersonal in Brazilian Portuguese: a study in syntactic change as a surface phenomenon. In *Language*.
- NUNES, J.(1990) *O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Instituto de Estudo da Linguagem/Unicamp. (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, M. F.(2005) *A voz passiva portuguesa: um estudo diacrônico*. UFBA: (Dissertação de Mestrado)
- OLIVEIRA, M. F. de. (2005) *A voz passiva portuguesa: um estudo diacrônico*. Salvador: UFBA (Dissertação de mestrado)
- RIBEIRO, J.(1914 [1884]) *Gramática Portuguesa*. Belo Horizonte:Livraria Francisco Alves & C. pp.67;226-228;331-338.
- SCHERRE, M.(2005) *Doa-se lindos filhotes de poodle.Variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo:Parábola.
- TARALLO, F.(1996) Diagnosticando uma gramática brasileira:O português d'aquém e d'além-mar ao final do século XIX.ROBERTS,I.;KATO, M.*Português brasileiro.Uma viagem diacrônica*.São Paulo:Editora da UNICAMP.

#### REFERENCIA CONSULTADA

- ACERVO DE CARTAS E ATAS DO INSTITUTO GEOGRÁFICO E HISTÓRICO DA BAHIA. Salvador-BA.(Séculos XIX e XX)
- ACERVO DE ATAS DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. Salvador-BA.(Século XX)
- ACERVO DE ATAS DO CLUBE DOS CAÇADORES.Juazeiro-BA (Século XX)
- ACERVO DE ATAS DA ASSOCIAÇÃO COMERCIAL INDUSTRIAL E AGRÍCOLA DE JUAZEIRO.Juazeiro-BA (Século XX)
- ACERVO DE ATAS DA SOCIEDADE APOLO JUAZEIRENSE.Salvador-BA
- CARNEIRO, Z.O. N (2005). *Cartas brasileiras. Um estudo lingüístico-filológico*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas.Instituto de Estudos da Linguagem (Tese de Doutorado).
- CUNHA, C.; CINTRA, L.F.L.(1985).*Nova gramática do português contemporâneo*.São Paulo:Nova Fronteira
- OLIVEIRA, K.(2003) *Textos escritos por africanos e afro-descendentes na Bahia do século XIX: fontes do nosso latim vulgar*.Salvador:UFBA, Instituto de Letras. v. II(Tese de Doutorado).
- UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. ACERVO DE ATAS DO DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS– Campus III. Juazeiro-BA (Século XX).